



---

# “VIRGEM”, “HEROICA” E “MÁRTIR”: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE SANTIDADE FEMININA A PARTIR DO CASO DE ALBERTINA BERKENBROCK (SANTA CATARINA, 1952-1959)

Kelly Caroline Noll da Silva\*

## RESUMO

Este artigo objetiva analisar a construção de um modelo de santidade feminina atribuído pela Igreja a partir da história de vida, morte e martírio de Albertina Berkenbrock. Para isso, parte-se das publicações do jornal católico *O Apóstolo*, que atuou substancialmente para a construção e difusão de discursos que colocavam Albertina como modelo exemplar. Ao identificar os adjetivos empregados em relação a ela, observou-se que as publicações contribuíram para legitimar um modelo de santidade em sua personalidade e para a afirmação de que resistir à violência sexual caracterizar-se-ia como o seu grande ato heroico, base para o andamento do processo de beatificação. Assim, a análise dos discursos da imprensa periódica se atentou especialmente para questões que envolvem relações de gênero, corpo e sexualidade.

**Palavras-chave:** Catolicismo; Relações de Gênero; Imprensa; Santidade feminina; Albertina Berkenbrock.

## “VIRGIN”, “HEROIC” AND “MARTYR”: ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION OF A MODEL OF FEMALE HOLINESS FROM THE CASE OF ALBERTINA BERKENBROCK (SANTA CATARINA, 1952-1959)

## ABSTRACT

This article aims to analyze the construction of a model of female holiness attributed by the Church based on the history of life, death and martyrdom of Albertina Berkenbrock. For this purpose, it starts from the publications of the Catholic newspaper *O Apóstolo*, which

---

\* Graduada (2018) e Mestra (2020) em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição, na linha de pesquisa Linguagens e Identificações. É vinculada ao Laboratório de Estudos da Contemporaneidade (LEC).



acted substantially for the construction and diffusion of discourses that put Albertina as an exemplary model. When identifying the adjectives used for her, it was observed that the publications contributed to legitimize a model of sanctity in her personality and to the assertion that resisting sexual violence would be characterized as her great heroic act, something that is the basis for the progress of the process beatification. Thus, the analysis of the discourses of the periodic press paid special attention to issues involving gender, body and sexuality relations.

**Keywords:** Catholicism; Gender relations; Press; Female holiness; Albertina Berkenbrock.

## “VIRGEN”, “HEROICA” Y “MÁRTIR”: ANÁLISIS DE LA CONSTRUCCIÓN DE UN MODELO DE SANTIDAD FEMENINA BASADO EN EL CASO DE ALBERTINA BERKENBROCK (SANTA CATARINA, 1952-1959)

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la construcción de un modelo de santidad femenina atribuido por la Iglesia a partir de la historia de vida, muerte y martirio de Albertina Berkenbrock. Para ello partimos de las publicaciones del periódico católico O Apóstolo, que actuó sustancialmente por la construcción y difusión de discursos que pusieron a Albertina como modelo ejemplar. Al identificar los adjetivos utilizados para ello, se observó que las publicaciones contribuyeron a legitimar un modelo de santidad en su personalidad y a la afirmación de que resistir la violencia sexual se caracterizaría como su gran acto heroico, base para el avance del proceso de beatificación. Así, el análisis de los discursos de la prensa periódica prestó especial atención a temas relacionados con las relaciones de género, cuerpo y sexualidad.

**Palabras clave:** Catolicismo; Relaciones de género; Prensa; Santidad femenina; Albertina Berkenbrock.

### INTRODUÇÃO

Num mundo como é este em que vivemos, de tantas confusões e em que a imprensa exerce uma profunda e inegável influência na vida social, política e familiar, a boa imprensa é de indeclinável necessidade. (O APÓSTOLO, 15 nov. 1954, , p. 01.)



Boa Imprensa. Era assim que o jornal católico fundado pelo Apostolado da Oração da Catedral Metropolitana de Florianópolis/SC em 1929<sup>1</sup> se auto intitulava. Conforme observou a historiadora Ana Cláudia Ribas (2009), a partir de 1931 o jornal passou a ser órgão da Congregação Mariana da capital florianopolitana e possuía como pauta específica a moral católica. Em um cenário onde o país se modernizava e diversos novos modelos de mulheres e homens eram apresentados aos(as) brasileiros(as) através dos meios de comunicação, a Igreja passou a difundir seus discursos normatizadores também através da imprensa. Ana Ribas (2009) observou que dentre os principais temas abordados pelo jornal durante a década de 1950, a família e a moral sexual feminina possuíam destaque, sendo o lugar ocupado pela mulher apresentado como restrito ao cuidado com o lar e o corpo, enquanto o homem seria o responsável pelo trabalho e sustento da família.

Com base no que nos afirma a historiadora Tânia de Luca (2006), ao analisar a imprensa periódica se atentará não apenas para o assunto das publicações, mas também para a forma como elas foram narradas e dirigidas a um determinado público. Dentre os diferentes temas abordados pelo periódico, neste artigo se dará atenção para um aspecto específico: a construção de um modelo de santidade feminina a partir do caso de Albertina Berkenbrock. A menina foi assassinada após tentativa de estupro aos doze anos no município de Imaruí – localizado ao sul do estado de Santa Catarina – em junho de 1931. Duas décadas mais tarde, sob a justificativa de que Albertina teria morrido em defesa da pureza de seu corpo e dos valores cristãos, a Igreja Católica instaurou um pedido pela sua beatificação, a fim de que fosse reconhecido o caráter de martírio na morte da menina. Nesse sentido, a imprensa católica catarinense, representada pelo periódico *O Apóstolo*, dedicou-se a narrar, edição após edição, a história de vida, morte e martírio de Albertina. Visando legitimar um modelo de santidade feminina na sua personalidade, os adjetivos empregados em relação a ela pelo jornal, tanto no que diz respeito à sua vida quanto à sua morte, contribuíram

---

<sup>1</sup> Há na biblioteca pública do estado de Santa Catarina todas as edições do jornal de sua fundação em 1929 até dezembro de 1959. Existem também algumas edições da década de 1980, mas que não permitem afirmar que o periódico prosseguiu até então de forma ininterrupta.



para a construção de um modelo de santidade baseado na pureza do corpo e nas virtudes e valores cristãos.

## O PROCESSO DE BEATIFICAÇÃO DA SERVA DE DEUS

Alô Alô Atenção! Dentro de pouco tempo, será instalado um tribunal eclesial, para estudar o processo de beatificação de Albertina Berkenbrock. Para isto é preciso que Deus lá do alto, lance um olhar de aprovação sobre o que se vai decidir. Conseguiremos o que se pretende só por meio da oração. Quem quiser pois orações pela Beatificação de Albertina, queira dirigir-se para: Editora Vozes, Caixa Postal 23, Petrópolis Estado do Rio de Janeiro. Preço: cento Cr\$ 10,008 ( O APÓSTOLO 01 abr. 1952, p. 01.)

O trecho acima corresponde à primeira publicação do jornal sobre a abertura do processo de beatificação de Albertina. A partir desta edição O Apóstolo começou a levar para seus leitores e leitoras maiores informações sobre a história de vida, morte e martírio da menina. O andamento do seu processo de beatificação foi tema de nove das publicações analisadas e mostra o entusiasmo e a importância dada pelo jornal para a expectativa de beatificação da catarinense. A necessidade do apoio da comunidade ficava evidente nessa e em diversas outras publicações do jornal, que cada vez mais dava enfoque para Albertina. Os /as fiéis eram convidados/as a fazer doações para o andamento do processo de beatificação e diversas eram as graças alcançadas por intermédio da menina. Mas, antes de darmos continuidade aos discursos do jornal referentes a ela, é necessário que algumas considerações sobre os trâmites que estavam por trás de um processo de beatificação, em especial, o processo de beatificação de Albertina Berkenbrock, sejam elencados.<sup>2</sup>

A primeira consideração a ser feita é sobre a diferença entre servo(a) de Deus, beato(a) e santo(a) da Igreja Católica. Nos termos das leis eclesialísticas (**CONGREGAÇÃO PARA AS CAUSAS DOS SANTOS**)<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Para mais informações sobre o andamento do processo de beatificação de Albertina Berkenbrock ver: KELLY Silva, 2020.

<sup>3</sup> CONGREGAÇÃO PARA A CAUSA DOS SANTOS. Instrução para a realização dos inquéritos diocesanos ou das eparquias nas causas dos santos. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/csaints/documents/rc\\_con\\_csaints\\_doc\\_20070517\\_sanctorum-mater\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20070517_sanctorum-mater_po.html)>. Acesso em: 13 mar. 2021.



o primeiro título é concedido durante o estágio em que o processo de beatificação é instaurado e é somente após a confirmação do caráter santo na vida do personagem que ele passa a ser venerável. Já entre a pessoa beatificada e a canonizada, a principal diferença está no número de milagres realizados pelo/a candidato/a à santidade. Num processo de beatificação, é necessário que se comprove ao menos um milagre realizado pela pessoa, quando comprovado mais de um, aí se tem o processo de canonização que elevará o beato ou beata ao grau de santo(a) da Igreja Católica. Outra diferença está no tratamento que pode ser dado pelos fiéis. Um(a) beato(a) só pode ser venerado(a) pela família e comunidade em que fizera parte em vida, podendo ser realizadas missas e festividades em ato de graças, enquanto o(a) santo(a) se torna venerável por toda Igreja.

Ao escrever sobre as diferenças entre a figura do/a santo/a e do/a beato/a na sociedade, o historiador e antropólogo Hugo Soares (2007), afirma que, na prática, o que altera entre a figura do/a santo/a e a do/a beato é a restrição territorial, uma vez que os/as dois/duas possuem poderes taumatúrgicos e autoridade para interceder pelos humanos junto a Deus. O próprio Código de Direito Canônico<sup>4</sup> menciona no Cân. 1187 que “só é lícito venerar com culto público os servos de Deus, que foram incluídos pela autoridade da Igreja no álbum dos Santos ou Beatos” e, ainda segundo Hugo Soares (2007), não há, em todo o Código, menção de algo que seja permitido por um e não pelo outro.

A segunda consideração é referente ao caso específico dos/as mártires da Igreja, que se aplica ao caso de Albertina. Ao contrário dos/as demais candidatos/as à santidade, o/a candidato/a a mártir não necessita que um milagre em seu nome seja comprovado. O que deve ser comprovado nestes casos é o caráter de sacrifício sofrido em nome e exemplo de Cristo. A historiadora Maria Peixoto (2006), ao esmiuçar discussões referentes a temas como beatificação, canonização e mar-

---

<sup>4</sup> O Código de Direito Canônico é o principal documento legislativo da Igreja, nele contém os elementos fundamentais da estrutura hierárquica da Igreja, bem como define as normas e comportamentos dos fiéis. É chamado de “Constituição Apostólica”, que na prática seria a Constituição da Igreja Católica. O documento completo se encontra disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em: 19 ago. 2019.



tírio, afirma que o martírio possui “um valor especial no imaginário ocidental” (Maria PEIXOTO, 2006, p. 56), dado que “o culto aos mártires radicou-se naquilo que o cristianismo tinha de mais autêntico e original em relação às outras religiões, a morte como redenção, como resgate do gênero humano pela fidelidade ao exemplo de Jesus” (Maria PEIXOTO, 2006, p. 56). Seja por motivo de doença ou de morte violenta, a coragem e a determinação são pontos extremamente importantes para o/a candidato/a a mártir, servindo de exemplo para os/as demais fiéis.

Sendo por via do martírio ou não, em um processo de beatificação, as normas formais sistematizadas pelo primeiro código unificado para a igreja católica ocidental, o Código de Direito Canônico em 1917 (revisado e atualizado em 1983), deveriam ser seguidas para evitar erros e seguir um método próprio da Igreja. Dessa forma algumas perguntas básicas deveriam ser respondidas:

- O candidato tem uma reputação de ter morrido como mártir ou por ter praticado virtudes cristãs em grau heroico?
- O povo pede a intercessão do candidato para conseguir favores divinos?
- Qual a mensagem trazida pelo candidato à Igreja?
- Existem fatos comprobatórios do martírio ou das virtudes heroicas do candidato?
- Há algo na vida do candidato que seja obstáculo à sua canonização (por exemplo, escritos pouco ortodoxos, não condizentes com a fé católica)?
- Há a ocorrência de milagres em potencial?
- Há algum motivo pastoral para a não beatificação/canonização do candidato no momento?
- A partir da beatificação ocorreram novos milagres? (Maria PEIXOTO, 2006, p. 90)

Através dessas questões elencadas por Maria Peixoto (2006), percebe-se a importância do reconhecimento da comunidade no caráter de santidade do candidato. A utilização de veículos de comunicação – na fase do processo em que é necessário comprovar a reputação da pessoa – possibilita alcançar muito mais pessoas de uma única vez. Nessa fase do processo de beatificação de Albertina Berkenbrock, o jornal *O Apóstolo* possuiu lugar de destaque. Além de propagar a imagem de mártir da menina, o jornal publicava textos sobre o processo de Albertina consoantes com os discursos oficiais da Igreja.



Recomenda-se a todos os admiradores da Virgem assassinada, se abstenham de tudo que possa insinuar CULTO PÚBLICO, como acender velas em sua honra, chamá-la de SANTA, e semelhantes. Podem invocá-la, e pedir muito a Deus seja servida de glorificar sua Serva. (O APÓSTOLO. 01 mar. 1953, p. 01)

A preocupação com o não culto de Albertina antes de o processo ser aceito pelo Vaticano é exemplo dos cuidados tomados pela Boa Imprensa com as leis da Igreja. Essa preocupação era oriunda da propagação que a imagem de Albertina ia tomando entre os/as fiéis. Observou-se através da coluna *Graças Recebidas* (em que mais se percebe a participação dos(as) leitores (as)) que, no ano de 1952 (quando foi aberto o processo de beatificação), o nome de Albertina apareceu 63 vezes e manteve médias cada vez mais altas nos anos seguintes. O Apóstolo mantinha a sua imagem de porta-voz oficial da Igreja e cumpria a função de atualizar com cuidado suas leitoras e leitores sobre o andamento do processo sempre que houvesse novas informações.

Está concluído o processo informativo sobre a vida e martírio da Serva de Deus Albertina. O tribunal eclesiástico reuniu-se pela derradeira vez, ao dia 10 de outubro, no Palácio do Exmo. e Revmo. sr. Arcebispo, que presidiu a sessão. (...)

Depois de feita, a mão, a transcrição de todas as atas do processo - e deu mais de 200 páginas de almanaque - foi feito o conferimento do original com as atas, tudo com juramento; e a seguir, em sessão última, tudo foi apresentado ao Exmo. Sr. Arcebispo, que vendo original e cópia autêntica, as mandou fechar e lacrar, sendo disso tudo lavrado nova ata, mandada em separado para Roma.

Dois livros enormes, cada um de 210 páginas, constituem as atas do processo todo!

O original ficou arquivado no arquivo da Cúria Metropolitana, lacrado, podendo ser vistoriado, aberto, com licença expressa da Sacra Congregação dos Ritos de Roma.

Quando a cópia autêntica chegar a Roma, será aí examinada, com mais rigor do que nós o fizemos, e se os srs. Cardiais julgarem que tem tudo fundamento e certeza suficiente, mandarão instaurar novo processo - O PROCESSO APOSTÓLICO!

Quando será isso?

Se for depois de cinco anos: Graças a Deus!



---

Processos estão aos milhares em Roma, para serem estudados!  
Sejam fervorosas nossas preces, para que Deus glorifique sua santa e heroica serva ALBERTINA. (O APÓSTOLO. 01 nov. 1952, p. 01.)

A extensa citação acima mostra como o(a) leitor(a) era inserido(a) nos procedimentos do processo de beatificação. Este é um trecho de uma publicação que ocupava a primeira página inteira da edição de 01 de novembro de 1952. Através de matérias longas e detalhadas, o jornal desempenhava a função de manter os/as fiéis informados/as sobre o andamento do processo, o que envolvia seus leitores e leitoras cada vez mais na história de Albertina, que agora passava a ser chamada de “Serva de Deus”.

O título de Serva(o) de Deus é dado à candidata(o) quando o processo de beatificação é aceito pelo Vaticano. Se, através da leitura do material que fora enviado ao Vaticano, as “atitudes heroicas de bom cristão forem confirmadas pelos profissionais responsáveis pela produção do santo, o servo de Deus passa a ser chamado de “Venerável”” (Hugo SOARES, 2007, p. 05). Apenas são considerados(as) veneráveis os(as) santos(as) e beatos(as) da Igreja, portanto apenas quando o processo é encerrado e devidamente confirmado pela autoridade do Papa.

Ainda conforme a citação feita pelo *O Apóstolo*, quem deu início ao processo pela beatificação de Albertina em 1952 foi o Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese de Florianópolis. Dois anos depois, com a divisão da arquidiocese, a paróquia de Vargem do Cedro - Imaruí (à qual Albertina pertencia) passou aos cuidados do bispo da Diocese de Tubarão, Dom Anselmo Pietrulla<sup>5</sup>. Na fase diocesana do processo, o Bispo fica responsável, segundo a Constituição Apostólica *Divinus Perfectionis Magister*, por investigar sobre a vida, as virtudes e/ou martírio, a fama de santidade e o histórico do/a candidato/a. Após ser aceito/a pela Congregação Para a Causa dos Santos, o/a candidato/a passa a ser denominado/a como Servo/a de Deus. Foi nessa fase que o processo de beatificação de Albertina Berkenbrock estacionou, em 1959, e permaneceu arquivado até o ano de 2000.

---

<sup>5</sup> Mais informações podem ser encontradas no site oficial da Beata Albertina: BEATA ALBERTINA BERKENBROCK Disponível em: <http://www.beataalbertina.com> Acesso em: 12 set. 2017.





O arquivamento do processo deveu-se ao fato de que, para ser instaurado, era necessário um período de 50 anos entre a morte de Albertina e o início do seu processo de beatificação. No entanto, o processo de Albertina foi instaurado apenas vinte e um anos após a sua morte. Segundo Ana Ribas,

Dentre as articulações discursivas veiculadas nas páginas desse periódico, há uma manobra, que indubitavelmente contava com apoio da arquidiocese, e que pode ser encarada como, no mínimo, intrigante: a opção de ignorar os trâmites vigentes no Código Canônico, onde contava que se fazia necessário um período de 50 anos entre a morte do candidato a beatificação e o início do processo. (O Papa João Paulo II promoveu modificações nos processos de canonização com o documento *Divinus Perfectio Magister*, que passaram a valer a partir de 25 de janeiro de 1983.). Esse era um cuidado tomado pela Igreja Católica, visando garantir que a reputação de santidade do candidato não se trata apenas de uma fama passageira. (Ana RIBAS, 2009, p.181)

Esse foi um dos principais pontos responsáveis pelo arquivamento do processo de beatificação de Albertina. Contudo, apesar da campanha empreendida pelo *O Apóstolo* não ter obtido sucesso, ela foi importante para a construção de uma memória em torno da santidade da menina. A formação de um modelo de santidade em torno do processo de beatificação ressaltava aspectos e ocorrências não apenas da vida de Albertina, mas também características da sua morte que justificavam e legitimavam a sua santidade. O caráter de martírio colocado na morte violenta de Albertina, reforçado nas páginas do jornal, contribuiu para que o imaginário em torno de um sacrifício realizado em nome da pureza e dos valores cristãos permanecesse vivo na comunidade. A permanência deste imaginário reverberou, 55 anos após abertura do processo, na beatificação de Albertina Berkenbrock em 2007.

### **“MORTA, MAS PURA E INCONTAMINADA”: A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE SANTIDADE**

(...) deverei resistir de contínuo às minhas más inclinações, à preguiça, ao amor aos meus cômodos, à soberba... Deverei renunciar aos prazeres; à sensualidade que me inclina a procurar prazeres; à simpatia



que me quereria induzir a evitar aqueles que não são do meu gosto.  
Mas não importa; estou resolvida a me tornar santa.  
Terei longas horas de tédio, de tristeza, de desgosto... sentir-me-ei  
sós, desanimada...  
Mas não importa, estou resolvida a me tornar santa;  
porque estará comigo, estará junto de mim o meu Deus.  
Ó Maria, ó cara Mãe, ajudai-me, eu quero ser santa.(...) (O APÓSTO-  
LO, 15 ago. 1954, p. 02)

O trecho do poema retrata uma jovem da década de 1950 que ansiava por uma vida santa aos moldes da Igreja Católica. A citação indica que a conquista da santidade dependia especificamente das suas ações e renúncias aos prazeres humanos. Ao contrário da jovem apresentada no trecho, o martírio e o caráter de santidade na vida de Albertina não foram determinados por ela. Talvez em suas orações Albertina possuísse o mesmo desejo e estivesse disposta a abdicar dos mesmos prazeres que constam no poema, mas o que se percebe através das páginas do jornal *O Apóstolo* é que a sua santidade se deu após e por conta da sua morte. A partir desta reflexão pondera-se que Albertina não estaria destinada à santidade desde o seu nascimento, ou que por conta de sua vontade e de sua agência adquiriu o perfil de santa, mas sim que houve uma construção de um modelo de santidade a partir de aspectos da sua vida e morte.

A grande cruz que os colonos plantaram na terra, embebida do sangue virginal, aponta para os céus de S. Luiz, e de todo o Brasil, e parece bradar: “Donzelas, olhai para a virtude da pequena e heroica Albertina! Sede puras como ela foi santa! Com orações e sacrifícios triunfareis em todas as dificuldades da vida!” (O APÓSTOLO. 01 nov. 1953, p. 01.)

Pode-se indicar ao menos duas razões para esta dedicação nos discursos d’*O Apóstolo* para atribuir à Albertina um modelo de santidade. A primeira delas seria a consumação do processo de beatificação que se iniciava naquela época. A segunda está relacionada à construção de um modelo de santidade feminina que, a partir de características atribuídas a Albertina, estabeleceria para outras jovens um exemplo de santidade que deveria ser seguido por todas aquelas tementes a Deus.

Essa idealização de modelos de santidade contribui para a manutenção de concepções de mundo. Segundo o sociólogo e teólogo Peter



Berger (1985), a religião desempenha, em diferentes sociedades e períodos históricos, parte importante para uma construção de mundo. A busca por conceber significados humanos para o mundo construído a partir da religião coloca a necessidade de diferentes fórmulas legitimadoras que sejam capazes de contribuir para a manutenção deste mundo e que estabeleçam coerência entre a realidade vivida e as normas que devem ser mantidas.

Na religião Católica, um dos principais meios de legitimar e perpetuar os princípios cristãos se dá através de ferramentas que possibilitem aos fiéis terem modelos a serem seguidos, que reflitam o certo e o errado aos olhos da Igreja e de Deus. As santas e os santos são estes dispositivos responsáveis por indicar o caminho correto no catolicismo, servindo de modelo para as(os) fiéis, ao passo que rememoram constantemente os valores e preceitos da moral católica.

Neste sentido, a santidade pode ser vista como uma das fórmulas legitimadoras apontadas por Peter Berger (1985,) devido à contribuição que proporciona para que novas gerações também habitem o mesmo mundo social das anteriores. Essas legitimações se cumprem na medida em que o indivíduo se vê parte de uma determinada construção de mundo, interioriza e produz sentido para aquilo que está sendo apresentado como norma. Para que haja conformidade e, dessa forma, o indivíduo se encaixe em um determinado papel social, é necessário que ele se reconheça no outro e que este sirva de exemplo. Ou seja, para que as jovens se identificassem com um perfil do que significava ser santa, era necessário que possuíssem um modelo de santidade que serviria de exemplo e que possibilitaria a perpetuação de normas e valores.

O controle social desempenhado através da construção de imagens de santos/as e da santidade, segundo o historiador André Vauchez, revela

“uma força de integração capaz de eliminar conflitos, de dar significado à marginalidade de certos grupos, de tornar tolerável a pobreza ou as diferenças entre as classes, numa palavra, de procurar muitas vezes consenso para as instituições e de resolver em parte a dicotomia ordem/desordem”. (André VAUCHEZ, 1987, p. 299-300)



Logo, muito mais que um valor simbólico, a imagem do santo possui relevância para a manutenção das normas da Igreja.

Uma vez que o santo serve de modelo a ser seguido pela sociedade, conforme cada período observa-se alterações nos padrões necessários para o reconhecimento da santidade. A historiadora Raquel dos Santos Sousa Lima (2005) traçou cronologicamente os requisitos para alcançar a santidade em diferentes momentos históricos:

Os primeiros santos foram os mártires, como Paulo e Pedro, que morreram em defesa da fé nos primórdios da Igreja. A partir da oficialização do cristianismo, por volta do século IV, com o crescimento das dioceses, surgiu uma nova “categoria santoral”: os abades e cardeais. No século VII, momento em que a Igreja vivenciou um período de alianças com a nobreza, foi comum o aparecimento dos “nobres” santos, isto é, a santificação de homens da nobreza que eram reconhecidos por terem prestado serviços à fé católica. Séculos depois, com a reforma gregoriana, que tentou desvencilhar a Igreja do poder laico, a santidade passou a ser vinculada à vida sacerdotal (modelo do clero, principalmente aquele mais relacionado ao ideal de pobreza e de humanidade). Enfim, num período mais contemporâneo, a partir do século XVIII mais especificamente, surgiram novos modelos de santos, mais relacionados ao cotidiano das pessoas, às figuras modernas e familiares. (Raquel LIMA, 2005, p. 02)

A alteração dos novos modelos de santidade a partir do século XVIII, apontada por Raquel Lima (2005), possibilitou gradualmente que figuras relacionadas à vida cotidiana dos/as fiéis surgissem. Já não era mais necessário que o(a) santo(a) houvesse exercido grandes milagres, mas sim que tivesse vivido os valores da Igreja. Cada vez mais passou a prevalecer o exemplo de personagens imitáveis e familiares. Segundo André Vauchez (1989), para além de um corpo dotado de privilégios extraordinários, o/a santo/a é, antes de tudo, um ser vivo. Essa humanização dos/as santos/as foi responsável por aproximar a santidade dos/as fiéis, no sentido de mostrar que uma vida santa seria alcançável, desde que seguidos os valores e princípios da Igreja.

Mesmo assim, durante muito tempo não houve espaço para que a vida de mulheres fosse oficialmente santificada. Desde os primórdios da Igreja foram prevalecidas figuras masculinas, sejam mártires, nobres,



sacerdotes ou homens comuns. A entrada tardia das mulheres no patamar de santas deve-se principalmente ao fato de que, ao contrário dos homens, que renunciavam seus bens em nome de Cristo e em auxílio aos mais pobres, as mulheres, tradicionalmente destinadas aos cuidados domésticos, não possuíam riquezas para que pudessem percorrer o mesmo caminho. Era necessário que outro modelo de santidade que abrangesse as vidas femininas se instaurasse. Deste modo, as mulheres passaram a ocupar espaço dentro do campo da santidade apenas no século XIII (Ana RIBAS, 2009), quando houve mudanças na concepção do que significava ser santo (a). Ocorre que a santidade deixou de ser vista como uma qualidade de perfeição de vida inata ou herdada do homem e passou a ser conquistada e cultivada através da vivência dos valores cristãos (André VAUCHEZ, 1995). Assim, em contrapartida ao homem que controlava o poder e a riqueza, as mulheres, que historicamente tiveram suas vidas resignadas ao cuidado do corpo e do lar, podem, ao viver os ensinamentos da fé Cristã, chegar ao patamar de santas da Igreja Católica.

A construção da santidade de Albertina parte destas percepções do que significa “ser santa”. Não apenas por ser mulher, mas por ainda ser uma criança, a menina que era proveniente de família humilde, não poderia abdicar de riquezas materiais. Dessa maneira, o caráter de santidade em sua vida precisava ser construído a partir de outros padrões, que mobilizassem qualidades referentes ao que lhe pertencia, no caso, ao corpo e a vivência dos valores cristãos.

Na década de 1950, quando o processo de beatificação de Albertina foi aberto, a Igreja Católica passava por fortes alterações na sua estrutura. A fim de alinhar-se à modernidade que cada vez mais fazia parte da vida cotidiana dos (as) fiéis, a Igreja concentrou suas preocupações em manter os valores cristãos nas relações sociais que se erigiam. A historiadora Caroline Cubas (2007) ao dissertar sobre as reformas sofridas pela instituição, afirma que, mesmo tendo como principal missão santificar almas, a Igreja não deixava de se preocupar com as exigências da vida cotidiana das pessoas. Portanto, fazia-se necessário que os discursos da Igreja se adequassem com as novas configurações e necessidades sociais que vinham junto com a modernidade. Neste sentido, em 1959 são dados os primeiros passos oficiais para uma nova estrutura da instituição através da abertura do Concílio Vaticano II pelo Papa João



XXIII. As resoluções do Vaticano II previam uma Igreja renovada, que dialogasse com a contemporaneidade e que fosse atuante na sociedade (Caroline CUBAS, 2007).

Para conquistar este diálogo com os novos caminhos que a contemporaneidade tomava, a Igreja passou cada vez mais a incluir a participação dos (as) fiéis no processo de manutenção dos valores cristãos. Segundo Caroline Cubas (2007), ainda que a postura da Igreja frente à sociedade continuasse a de mediadora entre o povo e Deus, a posição dos(as) fiéis se alterava na medida em que deixavam de ser exclusivamente passivos/as e se tornavam participativos/as através da evangelização. Este processo de evangelização ocorria principalmente através do exemplo de vida. “A santidade e a perfeição era um convite e, acima de tudo, obrigação de cada fiel, e deveria ser buscada através de uma vida exemplar” (Caroline CUBAS, 2007, p. 33) que fosse ao encontro dos valores e princípios estabelecidos pela Igreja.

Ainda que o Concílio Vaticano II só tenha sido aberto em 1959, os discursos do jornal *O Apóstolo* no começo daquela década já eram consonantes com os novos rumos que a estrutura da Igreja tomava. A imagem de Albertina foi um dos exemplos utilizados pelo periódico para estabelecer um modelo de santidade que deveria ser seguido por todos os cristãos, mas principalmente pelas mulheres que desejassem uma vida santa.

A diferenciação entre o perfil do que é ser santa para mulheres e homens pode ser explicada a partir das relações de gênero. Conforme Joan Scott (1995), a categoria de gênero serve como forma de indicar a organização social entre os sexos no interior das relações de poder. As diferenças sexuais são os meios pelos quais as relações de subordinação e dominação se constroem. É importante sinalizar o verbo “construir” pela discussão que se coloca, uma vez que as diferenças entre o feminino e o masculino, que podem ser observadas em diferentes camadas e aspectos sociais, não são pré-determinadas ao nascimento, e sim construídas. Dessa forma, os papéis sociais de homens e mulheres são normatizados a partir de relações sociais que subjagam um em detrimento do outro.

No que diz respeito às doutrinas religiosas e a tradição cristã do Ocidente, as relações de gênero são expressas de forma a afirmar ca-



tegoricamente o sentido binário entre o masculino e o feminino (Joan SCOTT, 1995). A construção da santidade possibilita compreender melhor como essas relações se dão a partir de discursos legitimados pela Igreja. Conforme abordado anteriormente, a santidade feminina é pautada na preservação do corpo. Isto porque, na sociedade ocidental, onde as relações familiares se alicerçam nas ideias religiosas, as mulheres foram tradicionalmente destinadas aos cuidados do lar e da família. A responsabilidade dos cuidados domésticos e com os filhos recai sobre a mãe, enquanto o pai se torna o provedor da casa. Ou seja, a figura feminina é delimitada ao espaço privado, enquanto a masculina se encarrega da vida pública.

A historiadora Maria Izilda S. de Matos (2005) aponta que as características assumidas para o homem a partir dessa perspectiva o coloca como indivíduo portador de força, agressividade e inteligência, responsável pelo desenvolvimento da civilização urbana. Ao passo que a mulher, por conta da sua natureza fecunda e passiva, deveria perpetuar essa civilização através da maternidade. Em consequência deste modelo imposto de família tradicional, a imagem da mulher ideal acaba voltada para aquela que é obediente, prendada e dedicada aos cuidados do lar, dos filhos e do marido. Maria Matos (2005) afirma ainda que a forma como os valores normativos e reguladores são construídos cultural e socialmente colocam que as mulheres

(...) fisicamente débeis, sujeitas às limitações da menstruação e da gravidez, teriam de ser protegidas dos perigos públicos, pois supunha-se que a mulher deveria estar confinada ao espaço privado em função de suas supostas “características biológicas”. A “predestinação biológica” converte a maternidade em obrigação, a representação feminina centraliza-se na valorização da sensibilidade, da devoção e da submissão em detrimento das especulações intelectuais. (Maria MATOS, 2005, p.72)

Em contrapartida, para a vida das solteiras, outro tipo de norma comportamental se fundamenta. De acordo com a historiadora Uta Ranke-Heinemann (1999), as normas comportamentais colocadas por parte da Igreja se concentravam mais na vida dos (as) solteiros (as), uma vez que dentro do matrimônio o que mais precisava ser combatido era



a contracepção. No caso das pessoas solteiras havia (e há) um controle constante de seus corpos e de suas relações. A virgindade, sendo um dos principais valores cristãos, deveria ser preservada a toda instância e o contato sexual e social com o sexo oposto evitado. O culto existente na virgindade e a defesa da castidade “reforçam a representação do leito conjugal como um altar, “lugar sagrado de reprodução” (Maria MATOS, 2005, p.74). A virgindade, portanto, a sexualidade e o corpo, estão cercados de valores normativos, responsáveis por regular o comportamento do íntimo das pessoas.

A busca pela afirmação da santidade de Albertina Berkenbrock pode ser compreendida neste contexto. Responsável por criar discursos imbuídos de “verdades” que regulam os corpos das mulheres, a imagem da menina constantemente se vê ancorada em questões de gênero. Não apenas a legitimação de um modelo de santidade, os discursos d’O Apóstolo estabeleciam um modelo de mulher ideal para todas aquelas tementes a Deus. Nesse sentido, para além da morte, a santidade de Albertina se apresentava ao ter possuído uma vida virtuosa, regida pelos princípios e ensinamentos da Igreja. O modelo de santidade apresentado na vida e morte da menina através do jornal *O Apóstolo* ia ao encontro de tantos outros de mulheres santas: o cuidado com o corpo. As virtudes apresentadas por Albertina ao resistir à tentativa de estupro foram responsáveis por colocá-la no patamar de mártir da Igreja, uma vez que a honra, a virgindade e a pureza ligada ao corpo haviam sido preservadas por ela.

Tendo vivido de forma simples e próxima ao cotidiano da comunidade, Albertina ainda era apresentada com características comuns e humanas, que aproximavam suas vivências da vida das outras mulheres e mostrava que o alcance de uma vida santa só dependia da valorização de suas virtudes. a vontade de controle da sexualidade e dos corpos femininos por parte da Igreja se fazia presente em diversas matérias do jornal *O Apóstolo* analisadas. Mesmo que não se fale diretamente sobre o sexo, este assunto cercava as publicações.

Segundo Michel Foucault (1985) a sexualidade se dá através do controle das enunciações que define onde, quando e quem poderia falar sobre sexo. De forma geral, a partir do século XIX, a sexualidade ficou restrita à família conjugal, esta que teria como função principal a





procriação. A imposição de uma norma reguladora definiu “de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais” (Michel FOUCAULT, 1985, p. 22). Este ciclo de interdição que Foucault (1985) aponta estabelece uma lei de proibição sobre os discursos referentes ao sexo.

Observa-se que, assim como o gênero, a sexualidade também é construída socialmente através de relações de poder. O historiador e sociólogo Jeffrey Weeks (2005) refere-se a ela como o discurso responsável por gerenciar a série de crenças, comportamentos, relações e identidades que construímos socialmente e que são historicamente modeladas. A preocupação das instituições que dominam as relações de poder, como é o caso da Igreja Católica, com a vida sexual de seus indivíduos, instaura uma série de normas que visam a sua proibição e o seu silêncio. Para Michel Foucault (1985), a sexualidade está ligada a dispositivos que se vinculam à valorização dos corpos como objetos de saber e elementos nas relações de poder. Neste sentido, o corpo feminino, que historicamente foi subjugado ao masculino, é severamente controlado para assegurar sua pureza, sendo um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável (Jeffrey WEEKS, 2005).

Dentro da Igreja Católica, estes discursos sobre sexualidade, sexualidade feminina e corpo foram construídos de forma a produzirem verdades, perpassadas por questões de cunho moral, que estabelecem a “exclusão dos que não se encaixam dentro dos parâmetros por ela delimitados”, conforme aponta a historiadora Maristela Carvalho (2001, p. 161). A sexualidade acaba inscrita sobre um espaço que ora a sacraliza, ora a proíbe, dando-lhe o sentido de pecado.

A virgindade de Albertina e a pureza de seu corpo abordada diversas vezes pelo jornal para legitimar sua santidade, mostram como o tema da sexualidade era presente, ainda que proibido. Prova disso é que “pura” e “virgem” são dois dos adjetivos que mais apareceram para atribuir qualidade à menina e estavam diretamente ligados às questões que envolviam a sexualidade e o corpo. A conformidade das qualidades atribuídas à Albertina com os princípios da Igreja legitimava um perfil de santidade. A, uma tabela que quantifica todas as características referidas a Albertina ao longo dos oito anos do jornal *O Apóstolo* pesquisados.



**Tabela 1 – Quantificação dos adjetivos destinados à Albertina (1952-1959).**

Adjetivo/Qualidade	Número de vezes que aparece
Virgem <sup>6</sup>	42
Heroína/heroica	39
Mártir	20
Pura/pureza	12
Inocente	09
Virtuosa/virtude	07
Querida	07
Obediente	05
Alegre	05
Castidade	04
Tolinha	03
Caridosa	03
Forte	03
Trabalhadora	02
Amável	02
Respeitosa; Criaturinha de Deus; Bobinha; Prendada; Serviçal; Dócil; Delicada; Tímida; Retraída; Devota; Recolhimento [recolhida]; Cordeirinho Paciente; Acanhada; Grande; Bondosa; Direitinha; Modéstíssima; Silenciosa; Jovial; Meiga; Linda; Disposta; Benfeitora; Donzela; Pequena; Desditosa; Santa; Prudente; Corajosa; Honesta	1/cada

Fonte: elaboração da autora.

Ao contrário do que se possa esperar, a palavra “santa” apareceu uma única vez no jornal para designar Albertina. Isso se deve ao fato

<sup>6</sup> As matérias sobre Albertina por vezes ocupavam capas inteiras das edições do jornal, o que já garantia bastante visibilidade. As qualidades elencadas na tabela, além de aparecerem no corpo das reportagens, destacavam-se nos títulos, que normalmente eram centrais e com letras maiores, o que demonstra a importância destes adjetivos para a construção de imagem santa pretendida pelo *O Apóstolo*. Das 39 vezes que a palavra “heroica” (ou a variação “heroína”) aparece, 20 são apenas nos títulos, já o adjetivo “virgem” fora contabilizado 19 vezes e “mártir” uma vez.



de que o título de santa só poderia ser dado àquelas que fossem oficialmente assim intituladas pela Igreja e, portanto, pelo próprio Papa. Era necessário que os/as fiéis tomassem muito cuidado para não cultuar a imagem da menina antes do veredito do Vaticano, uma vez que isso ocasionaria o arquivamento do processo de beatificação. Albertina deveria ser denominada “Serva de Deus” e não Santa, e assim o jornal o fez. Na tabela não foram contabilizadas as vezes em que fora chamada de “Serva de Deus” pelo entendimento de que, ao ser um título oficial, mesmo que atribua qualidade, não demonstra os valores que o jornal pretendia designar a ela em seus discursos.

Os adjetivos utilizados pelo *O Apóstolo* mostram que o modelo de santidade de Albertina ia ao encontro do estereotipado para santas, que de forma geral eram em sua maioria jovens e virgens (Olívia CAPPI, 2011). Não é à toa que as palavras que mais apareciam para caracterizá-la eram: heroica, virgem e mártir, sendo que em certa medida estas acabavam sendo complemento umas das outras. Albertina tornou-se heroína a partir da morte em defesa da sua virgindade e da pureza de seu corpo. O martírio, que estava atrelado à ideia de sacrifício, conforme aponta a historiadora Solange Andrade (2008), aproxima os humanos da divindade, ao passo que o sofrimento vivido em nome dos princípios e valores da Igreja se assemelhava ao sofrido por Cristo na crucificação. Em contrapartida, ao mesmo tempo em que aproximava os humanos da divindade, o santo mostrava-se “extremamente próximo ao homem, dado que experimentou a vida mundana, com todas as dores e prazeres que isto significa” (Solange ANDRADE, 2008, p. 240).

Essa proximidade com a vida mundana também foi evidenciada através dos adjetivos empregados pelo jornal para caracterizar Albertina. Palavras como “trabalhadora” e “caridosa” eram comuns e responsáveis por aproximar dos e das fiéis a possibilidade de viver uma vida santa.

Mocinha alta, de cabelos louros, modestíssima, muito caridosa, silenciosa, mas alegre e jovial, amiga das criancinhas, entregue a meditação, obediente e trabalhadora. (Sangue e silêncio na mata virgem: O APÓSTOLO, 01 mai. 1953, p. 01).



A humanidade e a sensibilidade evidenciadas nas matérias do jornal mostravam que aquele modelo de santidade poderia ser alcançado por todas as mulheres virtuosas. O fato de Albertina ajudar a mãe nos cuidados da casa e com os irmãos atribuía à menina a qualidade de “prendada”, muito importante para as mulheres que desejassem um bom casamento. O “recolhimento”, ou ainda a “timidez”, mostravam que Albertina também era santa em seu silêncio, próprio da mulher reservada, que não se expunha aos pecados mundanos. Além disso, a beleza estética e a sensibilidade colocadas através de adjetivos como “linda”, “amável”, “alegre”, “delicada” e “querida” contribuíam para que a imagem de uma mulher ideal fosse afirmada.

Era serviçal, sem resmungar; dócil, obediente e pronta; era amável, muito delicada, nunca se vingava, nem quando os irmãos a batiam; em casa era alegre; muito modesta, especialmente ao vestir e despir-se; nunca saíram palavras menos delicadas de sua boca. (O APÓSTOLO, 01 mai. 1953, p. 01)

As características “grande” e “forte” se referiam especificamente ao porte físico de Albertina, a utilização dessas palavras tinha como intuito mostrar que, embora ainda criança, a menina possuía características de mulher. Apesar de em alguns momentos serem destacados os atributos que afirmavam Albertina enquanto mulher, outras tantas vezes destacavam o caráter infantil, como por exemplo, quando é descrita como “tolinha” ou “bobinha” por causa da sua pouca idade.

A própria questão da inocência de Albertina, quando abordada, faz referência à pureza de sua infância. Ao contrário do que possa se pensar em um primeiro momento, a qualidade de “inocente” atribuída à menina não era utilizada para defini-la no dia do crime que ocasionou a sua morte. Segundo o jornal, a ação heroica de sacrificar a própria vida no anseio de manter intacta a pureza de seu corpo e a inocência de sua alma seria o fator responsável para justificar toda a construção de santidade e de martírio ao redor da menina.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme o discurso religioso, Albertina deveria ser considerada mártir por ter morrido em defesa da sua virgindade, da não violação



de seu corpo e da preservação dos bons costumes. Muito mais do que vítima de um crime sexual, Albertina seria heroína da Igreja e da manutenção dos valores cristãos. A imagem construída ao longo dos oito anos pesquisados no jornal *O Apóstolo* mostra que houve uma escolha discursiva. Era preciso reafirmar a imagem de Albertina enquanto santa, para isto, era necessário determinar a agência da menina no dia do crime que ocasionou a sua morte. Ora, se ela, enquanto sujeito ativo, não tivesse escolhido entre a morte divina ou o pecado e a desonra, onde se fundamentaria a imagem de mártir da menina? Portanto, Albertina enquanto vítima foi deixada em segundo plano para que a Albertina que é mártir se sobressaísse.

Dessa forma, observou-se que a santidade de Albertina foi construída a partir de relações de gênero e sexualidade, baseada em um modelo do que significava ser santa pautado em valores que envolviam especificamente o corpo feminino. Se deslocarmos para o século XXI, observaremos que, apesar dos discursos d’*O Apóstolo* terem sido veiculados em meados do século passado, o perfil de santidade feminina apresentado por ele ainda reverbera. Valores postos a Albertina na década de 1950, como a preservação da virgindade, o recato e a inocência se repetem nos discursos normativos da Igreja. É preciso ser santa. E para ser santa é preciso prezar pelo corpo e pela castidade.

## FONTES

- Alô Alô Atenção! *O Apóstolo*. Florianópolis, SC, 01 abr. 1952, n. 523, p. 01.  
Pio x e a imprensa. *O Apóstolo*. Florianópolis, SC, 15 nov. 1954, n. 583, p. 01.  
Quero ser santa. *O Apóstolo*. Florianópolis, SC 15 ago. 1954, n. 578, p. 02  
Sangue e silêncio na mata virgem. *O Apóstolo*. Florianópolis, SC, 01 mar. 1953, n. 543, p. 01.  
Sangue e silêncio na mata virgem. *O Apóstolo*. Florianópolis, SC, 01 mai. 1953, n. 547, p. 01  
Sangue e silêncio na mata virgem. *O Apóstolo*. Florianópolis, SC, 01 nov. 1953, n. 558, p. 01.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. **Projeto História**, volume 37, pp. 237-260, 2008.  
BEATA ALBERTINA BERKENBROCK. Disponível em: <http://www.beataalbertina.com>  
Acesso em: 12 set. 2017.



BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado - Elementos para uma teoria sociológica da Religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

CAPPI, Olivia Barreto de Oliveira. **A hagiografia de santa rosa de lima: narrando a santidade na américa**. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, Campinas, 2011.

CARVALHO, Maristela Moreira de. Sexualidade, controle e constituição de sujeitos: a voz da oficialidade da Igreja Católica (1960-1980). **Esboços: revista do programa de pós-graduação em História da UFSC**, volume 9, n. 9, pp. 159-180, 2001.

Código de Direito Canônico. Disponível em: <http://www.vatican.va> Acesso em: 19 ago. 2019.

CUBAS, Caroline Jaques. **O corpo habituado: sentidos e sensibilidades na formação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (Província de Nossa Senhora de Lourdes, 1960-1980)**. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

CONGREGAÇÃO PARA AS CAUSAS DOS SANTOS. Instrução para a realização dos inquéritos diocesanos ou das eparquias nas causas dos santos. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/csaints/documents/rc\\_con\\_csaints\\_doc\\_20070517\\_sanctorum-mater\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20070517_sanctorum-mater_po.html) Acesso em: 13 mar. 2021.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa. Santidade feminina e gênero: reflexões acerca do discurso religioso sobre Santa Rita de Cássia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23, 2005, Londrina. **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz**. Londrina: ANPUH, 2005. 8 p.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi [et al]. **Fontes Históricas**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

MATOS, Maria Izilda S. de. O corpo e a história: ocultar, expor e analisar. In: **SOTER Corporeidade e Teologia**. São Paulo: Paulinas, 2005.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1999.

RIBAS, Ana Claudia. **A “boa imprensa” e a “sagrada família”: sexualidade, casamento e moral nos discursos da imprensa em Florianópolis - 1929/1959**. Dissertação (Mestrado) -UDESC, Florianópolis, 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, volume 20, n. 2, pp. 71-99, 1995.

SILVA, Kelly Caroline Noll da. **“Sangue e silêncio na mata virgem”: a construção da santidade de Albertina Berkenbrock (1950 – 2008)**. Dissertação (Mestrado) – UDESC, Florianópolis, 2020.

Site oficial da Beata Albertina Berkenbrock. Disponível em: <http://www.beataalbertina.com> Acesso em: 19 ago. 2019.



---

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_, André. O santo. In: LE GOFF, J. (dir.) **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

\_\_\_\_\_, André. Santidade. In: **Enciclopédia Enaudi**, volume 12. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

Submetido em: 9-2-2021

Aceito em: 16-4-2021